Universidades Lusíada

Fernandes, Manuel Alexandre Oliveira Silva, 1950-

Equívoco

http://hdl.handle.net/11067/4819

Metadados

Data de Publicação 1998

Tipo bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T03:05:42Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

Figura 1
Giuseppe Terragni
Danteum - Perspectiva

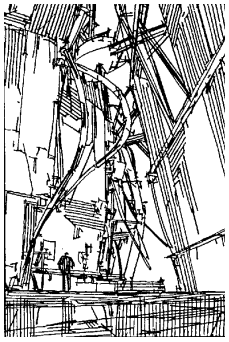

Figura 2
Lebbeus Woods
Work and living - esquisso

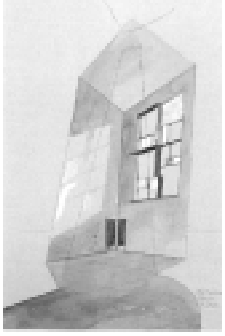

Figura 3
Steven Holl
Chapel and Town Square
Aguarela

EQUÍVOCO

MANUEL ALEXANDRE FERNANDES

É indiscutível a importância do desenho enquanto instrumento de eleição na investigação projectual-primeira-e representa-ção-última (como) meio de comunicação/verificação das nossas ideias.

Mas, será o desenho por si só um fim, um objectivo? Estou convencido que não o é. E se por um lado existe um momento em que o desenho (arquitectónico) constitui por si só raramente um acto de abstracção , em arquitectura ele somente se cumprirá se devidamente inter-relacionado com a realidade mesmo que utópica. Neste preciso momento imagino o sobressalto daque-les, cuja memória foi agitada pelos espantosos desenhos (e ideias – são sempre) de Boullée,Piranesi ou mais recentemente Lebbeus Woods.

Não se exaltem os ânimos daqueles em cuja memória da sua cultura arquitectónica não se pode omitir o correcto enquadramento da história da Arquitectura em que esses virtuosos – porque de génios se trata – pairam permanentemente nos horizontes das nossas imaginações.

Mas não é por aí que gostaria de abordar com este humilde contributo , a questão do desenho enquanto método de abordagem do projecto de arquitectura.Dirijo-me aos estudantes de Arquitectura.

A verdade é que nestes ainda curtos anos , nos quais tenho dedicado parte da minha actividade, enquanto arquitecto, ao ensino e formação de estudantes de arquitectura , detecto uma incompreensível dificuldade de comunicação através do exercício disciplinar do desenho , o que chamaria de " equívoco ".Tudo começa no que "vemos" e "como" vemos. O olhar sobre tudo o que nos rodeia , o sentido de observação mais profundo e próprio do arquitecto , poeticamente construído através da

Figura 4
M. Alexandre S. Fernandes
Escritório em Lisboa
Esquisso

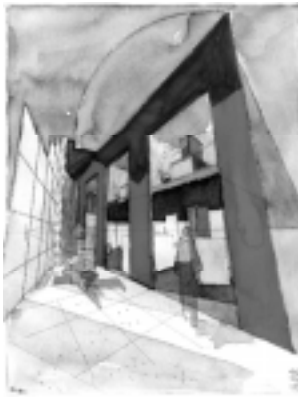

Figura 5
M. Alexandre S. Fernandes
Escritório em Lisboa
Aguarela de Estudo

Figura 6
M. Alexandre S. Fernandes
Escritório em Lisboa
Obra

paixão pelo que gostamos de fazer, como fazemos, como queremos fazer, enfim arquitectura... Recordo com saudade as lições do mestre Frederico George, quando liderando uma reforma pedagógica (frase interrompida na extinta ESBAL) que tinha como pano de fundo um texto programático orientador de uma nova metodologia de abordagem ao projecto , que traduz ainda hoje por um princípio rígido que tento (por vezes sem sucesso) incutir aos alunos: "proíbido criar,pensar enfim , fazer arquitectura a partir unicamente de plantas ou de desenhos bidimensionais.

Não tenho dúvidas em contrariar o velho princípio (em boa hora abandonado) de que " a uma boa planta corresponde um bom projecto ou , pior ,um bom alçado"! Não é verdade! A matéria prima da arquitectura é a espacialidade - espaço,luz e materialidade - e não é possível criar através de plantas , mas tão somente representá-los "a posteriori".Por isso , deve rejeitar-se o processo de invenção da arquitectura tendo como ponto de partida plantas e muito menos alçados. Os alçados e as plantas não existem se entendidos por si só e não como consequência/representação da realidade que criamos , obviamente tridimensional. É enquanto realidade tridimensional que a arquitectura deve ser explorada, inventada , imaginada.

Sendo a arquitectura, espaço, luz, matéria, som, cheiro, matéria, que só são sentidos e perceptíveis sensorialmente, constituem naturalmente valores não representáveis e muito menos imagináveis bidimensionalmente. Deste modo, só parte da realidade é representável, omitindo pois a sua essência.

Assim , tem sido uma das minhas (e certamente de outros docentes) grandes lutas no exercício do ensino da arquitectura , implementar a modificação do entendimento do método de desenho como abordagem ao projecto arquitectónico , eliminando o "equívoco" deste entendimento aparentemente enraizado. Parece básico?

Mas não é. Os docentes de projecto de todas as Escolas de Arquitectura são seguramente testemunhas disso. Para alimentar este "equívoco" também contribui seguramente a utilização inadequada do CAD, esse instrumento fabuloso com o qual mantenho uma verdadeira relação de amor e ódio. Cuidado! Pode ser tanto inatingível pela sua eficácia como castrador do proces-

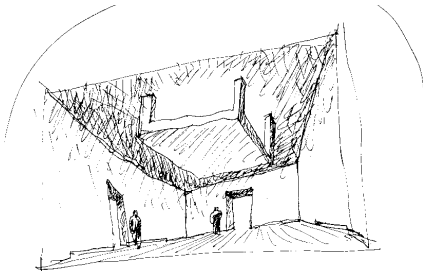

Figura 7
Siza Vieira
CGACS.S. Tiago de Compostela
Estudo

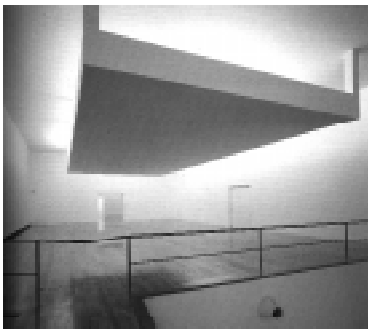

Figura 8
Siza Vieira
CGACS.S. Tiago de Compostela
Obra

so criativo! Se de facto é uma arma , há que saber usá-la… não passa de um lápis com esquadro , tê e outros instrumentos adicionados.

Em nada da vida é bom começar pelo fim. O exercício permanente do desenho é um factor essencial de aproximação e conhecimento do mundo que nos rodeia , no fundo , do território (da arquitectura - de Gregotti - como queiram) e a empatia que deve ser gerada entre este e o arquitecto só é possível através da intimidade que aquele gera entre os dois últimos. O processo de invenção , a criação da forma , raramente resulta de uma única ou de uma primeira atitude , assim , qualquer rigor antecipado nos primeiros passos da abordagem (desenho) provocarão ablação na formulação de um enorme universo de hipóteses , quiçá preferíveis , que ficarão fora do alcance da nossa investigação.

Por isso , o esquisso e o exercício metodologicamente organizado do desenho , leva-nos à compreensão da essência das "coisas" sejam elas o lugar , a forma e sua génese , ou o universo das ideias para a criação do objecto arquitectónico que somente nascerá do suave dissipar da bruma do esquisso/desenho até ao risco/atitude certo , de entre milhares de outros presentes no verdadeiro desenho. Nada disto tem a ver com incerteza ou insegurança , mas pelo contrário com um verdadeiro sentido de busca e procura da perfeição.

Diria que se trata de um processo analogicamente comparável ao crescimento do embrião,organismo vivo , tal como o objecto arquitectónico , que durante os as primeiras fases de existência e evolução aparenta uma débil configuração do que está predestinado vir a ser , mas no nosso caso , com uma diferença indelével: nós, os arquitectos , seus criadores reinventamos e controlamos em cada um desses momentos o resultado final !

O manuseamento durante este processo , do desenho , que se assume neste momento com instrumento por excelência do protagonista - o arquitecto – é essencial que seja produzido com sabedoria , sensibilidade e conhecimento. Se é verdade que muito deste conhecimento advém da prática persistente e continuada , algumas regras básicas e por isso clássicas devem ser

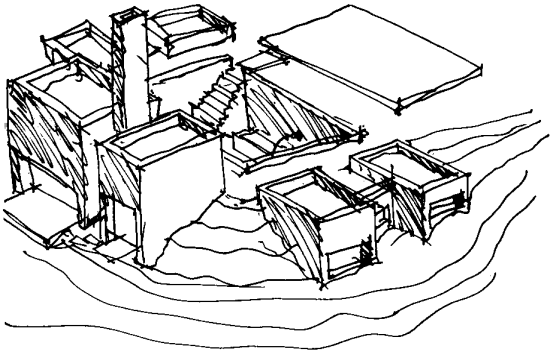

Figura 9
Souto Moura
Casa na Serra da Arrábida
Estudo Perspéctico

observadas. Cabe aqui uma chamada de atenção para questões de escala e proporção.

Não é possível utilizar o desenho em arquitectura (ou todos?) sem o domínio permanente daqueles conceitos. E não se trata de sentimento, "jeito" ou coisa parecida. Do que se trata é de rigor quase científico neste exercício intelectual que é desenhar. Tão simples como assumir, "ler", "ver", "olhar" de forma a registar permanentemente as relações dimensionais entre as "coisas", tomando uma delas como elemento padrão de proporcionalidade, construíndo todo o restante universo a partir do mesmo…sem réguas, sem esquadros, puro desenho, puro registo….

A elaboração deste princípio que defendo, vem na defesa daqueles que pensam não saber desenhar, automarginalizando-se por esse facto. Se é verdade que aqueles que receberam a benção providencial de serem dotados de excelentes capacidades para desenhar, estarão eventualmente em vantagem, não é menos verdade que os restantes poderão alcançar os mesmos objectivos através da prática persistente e continuada do desenho como meio de expressão do arquitecto.Mas não nos entenderemos de outra forma.

Esta virtualidade do desenho - antevisão ou experimentação virtual da realidade - no caso, espaço usufruído, cidade, território, etc., onde coexistem universos tão complexos que vão desde o diálogo com o lugar, à contemplação de tecnologias construtivas, passando por jogos de percepção sensorial do espaço, sua materialização e o seu significado e simbolismo, faz parte desse exercício fantástico que só se cumpre através da paixão por um fazer … "Arquitectura".

Lisboa, 17 de Abril de 1998